

## Agradecer Como Tomar Considerações Sobre a Santa Ceia Como Eucaristia

Wilhelm Hüffmeier

Dez anos atrás publiquei nestes “Estudos Teológicos” algumas considerações sobre o batismo a partir do Novo Testamento. O objetivo era questionar o caráter sacramental do batismo e interpretá-lo dentro da ética cristã como primeiro passo autônomo do crente no âmbito da graça, para tornar público a sua fé. Batismo não é a entrada para o **ser** cristão, mas o começo da **vida** cristã concreta e ativa, a ordenação à vida em conjunto (K. Barth)(1). Para falar numa imagem: Por Cristo mesmo toda humanidade está por dentro do âmbito da salvação, na fé despertamos e levantamo-nos neste âmbito, pelo batismo somos colocados publicamente ao lado das irmãs e dos irmãos cristãos.

Naquela ocasião alguns amigos me perguntaram: Como então deve ser entendida a santa ceia se não como sacramento, se não como meio da graça e da remissão dos pecados? Não é assim que nela as feições sacramentais são incontestáveis? Não vale que a própria santa ceia é a melhor contra-crítica contra uma interpretação não-sacramental do batismo? E afinal, onde fica o sacramento na teologia evangélica?

Sinto-me obrigado a responder a essas perguntas, definindo o que na linha duma reinterpretação ética do batismo deve ser entendido sob a santa ceia. Repito que essa linha não quer desprezar nem os sacramentos nem o batismo ou a ceia. Antes parte da afirmação de que Jesus Cristo é o único sacramento da graça, e

---

(1) Batismo – Meio de salvação ou selo da justificação? Observações sobre a compreensão sacramental e não sacramental do Batismo na perspectiva do Novo Testamento. Est. Teol. 13, 1973, p. 61 - 79, particularmente p. 77s.

batismo bem como santa ceia formam as **festas** comunitárias deste sacramento(2).

O artigo aqui apresentado tem três partes. Na primeira parte aponto para as aporias da práxis dos assim chamados sacramentos e da teologia sobre eles no âmbito luterano (1. A miséria da práxis dos "sacramentos"; 2. Os curto-circuitos na teologia dos "sacramentos"). Na segunda parte do artigo segue, depois da metodologia, a nova interpretação da ceia do Senhor a partir do Novo Testamento. (1. Observações metodológicas; 2. Reinterpretação). Afinal, na terceira parte, tentarei dar alguma ajuda para a nova práxis que resulta da reinterpretação.

## I.

### 1. A MISÉRIA DA PRÁXIS DOS "SACRAMENTOS"

"Mundanização do batismo" e "aprisionamento eclesiástico da santa ceia" parece-me que estas palavras de P. Schempp(3) cabem também para a realidade dos "sacramentos" nas igrejas luteranas aqui no Brasil, talvez até mesmo para a igreja católica daqui.

O que foi que P. Schempp queria definir? Ele alega que o batismo cristão foi mundanizado e secularizado, pois tornou-se numa cerimônia de iniciação para todo mundo. Não mais é expressão da fé. É, para falar com J. L. Segundo, "a inscrição ... num registro eclesiástico"(4), é uma vacinação oral de caráter espiritual, como K. Barth certa vez constatou ironicamente. E é verdade, o conteúdo deste ato importante da igreja cristã oscila para a maioria de nossos membros, entre dar um nome à criança e à transformação dum pequeno gentio num cristão. Não trata-se aqui de culpar os membros das igrejas por essa alienação. A primeira a ser culpada deveria ser a própria igreja e a teologia que, pelo casa-

(2) Para essa definição e diferenciação veja E. Jüngel. Das Sakrament was ist das? **Ev. Theol.** 26, 1966, p.334-336.

(3) Cf. os dois artigos: "Die Verweltlichung der Taufe" e "Die Verkirchlichung des Abendmahls", in: **Gesammelte Aufsätze**. Theol. Bücherei Vol. 10, München 1960, p. 146-158 e 159-170.

(4) Os Sacramentos hoje, in: **Teologia aberta para o leigo adulto**. v.4, São Paulo 1977, p. 12.

mento com o estado (era constantinopolitana da igreja), declarou como normal o que deveria ser a exceção: o batismo de bebês, e tolera como exceção o que na verdade deveria ser o normal: o batismo de crentes. E pressupondo uma vez que o batismo de bebês fosse o desejável, pois teologicamente correto, as comunidades seriam incapazes de verificar e de realizar a responsabilidade aceita por parte dos padrinhos devido à falta de fé deles. Os responsáveis na igreja não gostam de tocar nesta questão por causa dos orçamentos das igrejas. Assim se ganha a impressão de que a igreja vende o mistério do batismo pelo pão e o cozinhado de lentilhas das próprias finanças.

Exatamente o contrário do desenvolvimento com o batismo aconteceu, segundo Schempp, com a santa ceia, ao menos no âmbito luterano. Ela degenerou numa festa de todos os cristãos à promoção dos especialmente piedosos, a uma liturgia misteriosa e pesada. No festejar da ceia prevalece a confissão dos pecados e a atmosfera de arrependimento que isolam o indivíduo demasiadamente(5). Um exemplo: Quem tomou um gole só de cachaça se sente proibido de participar na ceia. Aconteceu num culto numa igreja da IECLB. Depois da prédica sobre I Co 11. 17ss. a comunidade se reuniu para tomar a ceia, formando um círculo, de modo que um membro podia ver o outro. Era coisa viva. Só um homem ficou fora do círculo. Indagado por que fez assim, respondeu: "To-me, antes do culto, um gole de cachaça". Não se sentiu digno de tomar a ceia do Senhor. Esta atitude — aliás, impressionante na sua seriedade e consciência, — provavelmente seja típica para o entendimento da ceia em nossas comunidades. É certa? Respondo: De certo modo este membro fez aquilo que Lutero certa vez censurou em Pedro que disse a Jesus: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8). Segundo Lutero, Pedro deveria ter dito: "Senhor, entra, porque sou pecador".

Aquela prevalência da consciência do pecado, resp. da indignidade acha sua expressão numa atmosfera de Sexta-Feira Santa sempre presente nos cultos luteranos da ceia. E é a mesma predominância que, por outro lado, corresponde à raridade da

---

(5) J. Roloff acertou bem essa situação afirmando que a santa ceia tradicional é o "comungar privado de piedosos indivíduos reunidos com o fim de receberem remissão dos pecados" (Veja Heil als Gemeinschaft. In: **Gottesdienst und Öffentlichkeit**. Hamburg 1970, p. 88).

oferta e procura da ceia no ano eclesiástico. Poupa-se a ceia do Senhor como a dona da casa cuida da louça fina quebrável. E o cristão simples raciocina — com os confirmandos — enfim, tão mau não sou, para que precisasse tantas vezes do perdão. Assim se revela, porém, de fato um falso entendimento do pecado. Pois nem a predominância do pecado na consciência do pecador, nem o tranquilizar-se a si mesmo sobre o pecado (“tão mau não sou”) são as atitudes certas para com o pecado. Uma dá espaço a mais ao pecado, assim negando Jesus Cristo (cf. o suicídio de Judas), a outra dá lugar a menos ao pecado. Deste modo igualmente nega a Jesus Cristo (o pecado do homem do meio que ainda não considerou que peso tem o pecado — cf. Anselmo de Canterbury). Ambas as atitudes são uma vitória clandestina do pecado.

É por isso que Lutero e Calvino não podiam imaginar culto sem santa ceia. Eles sabiam o que é pecado e qual o seu lugar certo na vida do cristão. Do ponto de vista deles, a abolição da ceia como elemento natural de todos os nossos cultos significa mais uma vitória do pecado.<sup>(6)</sup> Bem, a mera reconstituição da união entre culto e ceia não vai resultar imediata e automaticamente numa ampla participação. Podia ainda aumentar a relutância. Reformas crescem e não devem ser decretadas. Seria um ganho, aliás, só na medida em que não voltasse a atmosfera predominantemente triste e pesada das ceias luteranas.

E mais uma observação que eu fiz na práxis da ceia. É uma curiosidade. Uma vez ao ano eclesiástico, quer dizer nos cultos da confirmação, é quebrado e superado o isolamento na santa ceia, pois toda família vem. Pode ser que se trate aqui mais de razões de decoro do que de verdadeiro desejo espiritual dos participantes. Mas uma pregação dum nova consciência para com a ceia poderia partir desta experiência.

Para resumir, a consequência fatal desta mundanização do batismo e deste aprisionamento eclesiástico da santa ceia para a

---

(6) Para Lutero (cf. o Catecismo Maior 4ª parte: Do Sacramento do Altar, em: **Livro de Concórdia**, São Leopoldo/Porto Alegre, p. 488) “o sacramento nos é dado para diária (!) pastagem e alimentação”. E p. 491: “É como se Cristo quisesse dizer ...: ‘Eu vos instituo uma páscoa ou ceia da qual não fruireis apenas uma vez ao ano, exatamente nesta noite, senão muitas vezes’”. Para Calvino (veja **Institutio** ... IV c. 17, 44) “nullus ecclesiae conventus fieret sine verbo, orationibus, participatione Coenae et eleemosynas” (nenhum convento da igreja aconteça sem palavra, oração, participação na ceia e ofertas). Mas Calvino destaca que para isto o membro não pode ser forçado, antes tem que ser exortado e estimulado (ibid. c. 17, 44).

igreja é a seguinte: Destinada a ser comunidade de Cristo, povo de Deus, membros daquele corpo que é Cristo mesmo, representação provisória da nova humanidade, a igreja pelos sacramentos transforma-se, por um lado, num lugar para todo mundo, e, por outro lado, tem no seu meio uma associação, um grupo de especialmente piedosos e arrependidos. Essa é a miséria da práxis de nossos sacramentos.

## 2. OS CURTO-CIRCUITOS DA TEOLOGIA DOS "SACRAMENTOS"

Ao lado desta miséria prática, nós luteranos temos dificuldades teológicas para com a santa ceia, dificuldades das quais estamos mais ou menos conscientes. Olhemos a teologia do culto. Um culto de pregação sem batismo e ceia nos parece tão perfeitamente válido e suficiente como um batismo ou uma ceia no círculo familiar sem o maior círculo da comunidade. Às vezes não dá de modo diferente, mas conheço casos onde o batismo como festa familiar é nada mais do que aquilo que Lutero chamou de "Winkelmesse" ("missa de fundo de quintal"). Além disso temos que nos esforçar para mostrar a importância da santa ceia para a vida espiritual e cotidiana dos cristãos. Portanto, a santa ceia vive sua vida nos limites da existência cristã: Sexta-Feira Santa, casos de doentes e moribundos, confirmação. Poder-se-ia dizer que nisso se expressa o respeito e a valorização da ceia. Mas aquilo que respeito e que tem valor para mim, daquilo faço uso. Contudo, tem-se a impressão como se a ceia fosse antes algo venerado como especial e misterioso do que desejado como necessário.

Essa veneração duvidosa talvez seja conseqüência dum embaraço típico para a teologia luterana. A teologia luterana nunca realmente conseguiu demonstrar clara e precisamente o que é o "proprium" do batismo e da ceia em relação à "palavra - Espírito Santo - fé", tão destacada por ela. Ela tem os mandamentos de Cristo para batizar (Mt 28.16-20) e repetir a ceia (I Co 11.24s e Lc 22.19). Eles, de certo modo, são razão de ser suficiente. Os "sacramentos" têm a necessidade dum mandamento. Mas um mandamento sempre corre perigo de tornar-se numa lei. Não devem os mandamentos de Cristo ser interpretados sempre de novo pelo Evangelho? E como se pode combinar a prevalência da consciência de pecados, a predominância da atmosfera triste de Sexta-

Feira Santa com a alegria que o evangelho traz e que era obviamente a sensação primordial na comunidade primitiva ao festejar a ceia (Atos 2.46)? Onde fica o elemento pascal na teologia da ceia?

Perguntemo-nos de novo: O que é o peculiar de ambos os assim chamados "sacramentos", aquilo que eles dão e que o crente pela fé, pressuposta pelos "sacramentos", ainda não tem? Responde-se: Batismo é incorporação no corpo de Cristo. Afirma-se a mesma coisa para a ceia. Mas não é válida exatamente isto para a relação "palavra (testemunha) — Espírito Santo — fé"? Lutero afirmou tantas vezes que aquele que crê tornou-se um "bolo" com Cristo sem referir-se aos sacramentos.

Todas as outras dádivas típicas e características para batismo e ceia podem ser submetidas ao mesmo exame: Participação no destino de Cristo, na sua morte, experiência da graça incondicional e preveniente (argumento preferido para o batismo de crianças), certeza sobre a remissão dos pecados, etc. Não vale que o cristão, já pela fé, experimenta tudo isso? Descreve-se o sacramento como verbo visível. Onde, porém, existiria a verdadeira prédica que não tornasse visível e palpável o Cristo, para que seja experimentado (cf. Gl 3.1).

Não há dúvida, a teologia luterana está em apuros para com os "sacramentos". Por um lado quer evitar que a participação na ceia dê **mais** do que o crente já tem, temendo uma relativização resp. desvalorização da fé. Por outro lado, ela não pode evitar de falar duma intensificação da relação com Cristo pelos sacramentos. Mas isto significa, a rigor, postular uma teologia do sacramento às custas da própria fé. Fides sacramento formata? Certamente, não. Mas como pode se escapar dessa impressão. E mais. Essa intensificação significa, em última análise, também uma desvalorização do próprio Cristo. Não é por acaso que há teólogos luteranos que falam da espiritualização de Cristo sem os sacramentos, como se nosso batizar e nossa santa ceia fossem os braços de Cristo. Como se ele estivesse privado de seus braços e de suas pernas sem os sacramentos da igreja!

A problemática psicológica inerente num entendimento dos sacramentos como intensificação da relação com Cristo se pode experimentar no decorrer do ensino confirmatório e da própria confirmação. Constrói-se uma grande expectativa com respeito à primeira ceia entre as crianças que se transforma num afrouxa-

mento, senão numa forte decepção, ao realizar-se a primeira ceia. Teologicamente, aliás, tem que se perguntar por que esperar tanto tempo para a primeira participação na ceia. A igreja diz que quem é batizado recebe o direito da participação na ceia. Os confirmandos batizados, porém, podem somente participar dela a partir da confirmação mesma, — mais um destes curto-circuitos da teologia da ceia. Desconfiança ou desvalorização do batismo? Ou ainda não conseguimos livrar-nos da triste regra de C. Harms que disse: “Crianças, quer dizer aqueles que não foram confirmados, e imbecis e loucos não podem ser admitidos”(7)? Se eu vejo bem, então nem mesmo em Paulo o batismo era pressuposição para a participação na ceia do Senhor?(8)

Tudo isso descreve um círculo cheio de ambiguidades, impasses e becos sem saída? Onde há soluções claras e saídas convincentes deste labirinto teológico?

Ora, não se pode negar que *prédica, batismo e ceia*, de certo modo, oferecem e representam a mesma coisa. No Evangelho segundo João vale a mesma coisa para a fé como para o comer e o beber da ceia (cf. 6.56 com 15.4). Nisto reside a razão certa das caracterizações das dádivas dos “sacramentos” acima mencionadas. Mas uma teologia evangélica deveria dizer clara e precisamente em que reside o “**proprium**” do batismo e da ceia, além daquilo que a fé já tem, já recebeu. Para uma teologia certa resulta dali como exigência capital: Ela tem a tarefa de demonstrar **como** nos assim chamados “sacramentos” **o mesmo** acontece **dife-**

---

(7) **Pastoraltheologie II**. 1893, p. 87. Citado por M. Kruse no artigo informativo “Abendmahlspraxis im Wandel”, in: **Ev. Theof.** 35, 1975, 481ss (citado p. 494, anot. 31).

(8) W. Schenk (in: Die Einheit von Wortverkündigung und Herrenmahl in den urchristlichen Gemeindeversammlungen, **Theologische Versuche**, v.2, ed. por J. Rogge e G. Schille, Berlim 1970, p. 75) nota com respeito à I Co 14: “Wenngleich in der Regel meist getaufte Christen das Herrenmahl empfangen, wo wird man es doch nicht denjenigen apistoi und idiotai verweigert haben, die von der Verkündigung überführt wurden, womit 14.25 durchaus rechnet” (embora na regra os que receberam a ceia do senhor eram cristãos batizados, não se podia negá-la àqueles apistoi e idiotai que foram convencidos pela pregação, um caso com o qual 14.25 certamente conta, — minha tradução). Semelhantemente já E. Schweizer: “Die paulinischen Briefe geben in keiner Weise das Recht, die Taufe von Anfang an als conditio sine qua non für die Beteiligung an der Feier des Herrenmahles anzusehen” (as cartas paulinas, de modo algum, dão o direito de entender o batismo, de princípio, como condição necessária para a participação na ceia do Senhor), in: **Gemeinde und Gemeindeordnung im Neuen Testament**. Zürich 1959, p. 126.

**rentemente**(9). Qual é a modalidade especial do batismo e da ceia que as torna necessárias a partir do conjunto “palavra-Espírito Santo-fé” e que, no mesmo momento, as distingue deste conjunto? O que deveria ser dito em relação ao batismo desenvolvi no artigo acima mencionado. Agora quero desenvolver o “*proprium*” da teologia da ceia do Senhor.

## II.

### 1. OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS

Começo com algumas observações metodológicas, pois teologia e práxis da santa ceia sofreram, ao meu ver, sob um impasse metodológico. Metodologia pensa e desenvolve o ponto de partida e o caminho que o pensamento tem que tomar ao entender um determinado assunto.

A práxis da santa ceia na igreja luterana está sob a influência duma sentença de I Co 11 (veja também I Co 16.22). Em I Co 11 diz, no v. 27: “Aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor”. Será réu do corpo e do sangue significa, provavelmente: crucificará Jesus Cristo de novo(10). Tornando-se este dito a sentença cardinal do entendimento da ceia, começou uma unilateralização fatídica na sua compreensão. A confissão dos pecados ganhou predominância (cf. também Didaquê 14.1s) e outros elementos decisivos da ceia foram relegados ao segundo plano. Isto aumentou uma certa escrupulosidade e autoreflexão que, junto com avisos como Did. 9.5b (“Não deis as coisas santas aos cães”), danificaram a consciência boa para com a ceia. Não alegria, agradecimento e naturalidade, mas um “horror clandestino” começaram a determinar a ceia. É como se qualquer ceia do Senhor devesse ter no seu meio um Judas, cada um se perguntando incessantemente: “Porventura sou eu, Senhor, que te trairá”? (Mt 26.21s). A atmosfera som-

(9) Assim a exigência metodológica de E. Jünger no artigo “Zür Kritik des sakramentalen Verständnisses der Taufe”, in: **Zu Karl Barths Lehre von der Taufe**, Gütersloh 1971, p. 39.

(10) Assim E. Käsemann, *Anliegen und Eigenart der paulinischen Abendmahlslehre*, in: **Exegetische Versuche und Besinnungen**, v. 1, Göttingen 1960, p. 24.

bria, triste e isoladora de nossa liturgia da santa ceia tem sua origem nesta unilateralização. Autoreflexão demasiada sempre foi um inimigo da fé. A fé antes desvia o homem de si mesmo. A ceia como ato da fé também desvia a pessoa de si mesma.

Ora, as consequências desta influência negativa de I Co 11.27 são totalmente contra a intenção de Paulo em I Co 11. Ele não quer ensinar uma escrupulosidade contínua e geral para com a santa ceia, nem um questionamento da dignidade que isola o indivíduo. O versículo 27 e seu contexto nem mesmo se dirigem a todos os membros da comunidade. Em Paulo, a ceia do Senhor ainda era festejada junto com uma ceia de confraternização. Cada membro trazia sua comida e bebida. Os ricos da comunidade, é óbvio, tinham tudo em abundância. Os pobres, porém, não podendo trazer tanta coisa, envergonhavam-se e ficavam afastados da parte da confraternização. Eles chegavam só quando já havia começado a própria ceia do Senhor. Isso dividiu a comunidade no seu ato mais destacado, dividiu o corpo do Senhor. Nessa situação, Paulo critica o comportamento egoísta e asocial dos ricos em Corinto como uma contradição à comunhão fraternal na ceia daqueles que em Cristo tornaram-se um só. O ponto central e saliente desta crítica consiste no fortalecimento e não na paralização do caráter comunitário e unificador da ceia.

Hoje em dia a pergunta pela dignidade tornou-se uma barreira para **todos** os participantes e assim perdeu sua função. A libertação da ceia da predominância da pergunta pela dignidade do participante, por isso, deveria ser o lema de uma nova teologia da ceia. Isso não resulta numa "graça barata" para todo mundo. Em casos bem definidos deve entrar em vigor de novo. Mas não como lei geral que está como um véu sobre a ceia. Pois moralismo isola. E isolamento é o inimigo central da santa ceia que reúne. Com razão P. Schempp formulou: "Se Judas gozou a última ceia de Jesus totalmente ou só em parte, pode ser debatido e discutido, indiscutivelmente, porém, consta que o pai na parábola do filho pródigo interrompeu a confissão do pecado do filho, nem querendo saber da sua odisséia, nem examinando sua dignidade. A volta era documento suficiente. E a palavra do pai providenciou imediatamente vestido e anel, comida e música"(11).

---

(11) Op. cit., p. 161s (tradução minha).

Conclusão: Metodicamente não se pode declarar I Co 11.27 como ponto de partida duma compreensão teológica da santa ceia.

Uma segunda observação metodológica vem da pesquisa neotestamentária. Não quero nem posso aqui relatar sobre a **origem** da santa ceia e sobre a **forma mais antiga** das palavras da instituição, perguntas muito discutidas na pesquisa. A respeito disso há resumos informativos(12). E, ao lado da pesquisa, existem valiosas reflexões de comissões teológicas de diferentes igrejas em nível interconfessional e ecumênico(13). As pesquisas, como essas reflexões, questionaram a concentração infeliz, unilateral e exclusiva da interpretação da ceia **aos elementos** da ceia e seu significado. A disputa dos reformadores parece assim um beco sem saída. Também a questão da presença real de Cristo e do caráter de sacrifício foi junto com o problema da transsubstanciação, de certo modo, relegado a um segundo plano.(14)

Este desenvolvimento significa positivamente: chegou-se a apreciar a santa ceia mais **como um atuar da comunidade** cristã do que como atuar de Cristo mesmo, um atuar, naturalmente, sob a promessa de Mt. 18.20. Assim leva-se a sério o sentido teológico do fato de que a comunidade **segue** a um mandamento de Cristo festejando a ceia: "fazei isto" (I Co 11.25; Lc 22.19; cf. também Justino Apol. 66.3). Eles (os discípulos) devem fazer o que ele fez, em sua memória. Assim o tomar, o agradecer resp. abençoar, o falar, o partir e repartir, todo o falar e dar, passa dele aos discípulos. Passando para um atuar dos discípulos, a ceia torna-se parte da ética da comunidade cristã. Eles não são somente recebedores da ceia, mas sujeitos ativos dela.

Se o atuar (a ética) do cristão distingue-se daquilo que todo mundo faz, resp. ao menos pode fazer, então a ceia é o lugar on-

(12) E. Schweizer. Das Herrenmahl im Neuen Testament. Ein Forschungsbericht (1954), in: **Neotestamentica**. Zürich 1963, p. 344ss; e F. Hahn. Zum Stand der Erforschung des urchristlichen Herrenmahls, in: **Ev. Theol.** 35, 1975, p. 553-567. Tradução espanhola deste artigo in: **Selecciones Teológicas**.

(13) Veja o que os documentos de Accra de 1974 (Sessão da comissão de "Fé e Ordem" do Conselho Mundial de Igrejas) dizem sobre a "Eucaristia" em: Accra 1974, ed. por Geiko Müller-Fahrenholz. **Beiheft zur Ökumenischen Rundschau** 27, Stuttgart 1975, p. 101-109. Veja também para a discussão evangélica católica o artigo de H. Chr. Schmidt Lauber. Das Herrenmahl, in: **Kerygma und Dogma** 26, 1980, p. 70ss. E agora os documentos de Lima sobre batismo, eucaristia e ministério.

(14) Veja o artigo muito informativo de Th. Schneider. Die neuere kath. Diskussion über die Eucharistie, in: **Ev. Theol.** 35, 1975, p. 514ss.

de isso precisa se tornar transparente. Isto tem que ser interpretado teologicamente, pois não é algo ocasional e acidental, mas tem em si valor teológico. Não num sentido sacramental, como U. Kühn de certo modo afirma(15). Segundo ele a nova visão da santa ceia significava que a velha definição "verbo accedit ad elementum et fit sacramentum" (Agostinho), seja substituída por "ecclesia accedit ad elementum et fit sacramentum". Poder-se-ia falar dum "conceito democrático" do sacramento em Kühn. Mas o atuar da comunidade não cria nem é sacramento, antes **aponta** para o sacramento da morte de Cristo, para testemunhá-lo. Neste sentido Paulo interpreta: "anunciais a morte de Cristo" (I Co 11.26) e a 1ª Carta de João coloca o batismo e a ceia sob o termo "testemunho", sendo este testemunho expressão da fé e distinguido do testemunho do Espírito Santo (I. João 5.6-9(16)).

Uma terceira observação metodológica. W. Marxsen notou, em sua análise das palavras da instituição, que na versão de Paulo e Lucas Jesus, de fato, não diz: "Isto (quer dizer o vinho) é o meu sangue", mas "este cálice é a nova aliança no meu sangue" (I Co 11.25)(17). Na tradição das palavras da instituição que Paulo cita, Jesus não interpreta o elemento vinho, mas o cálice. E este não é interpretado por si, mas enquanto este cálice está fazendo seu círculo entre os discípulos. Isso significa que este acontecimento do circular do cálice (não o cálice por si, nem o seu conteúdo) era interpretado como representação da nova aliança. Representação? Sim. Pois a nova aliança não constitui-se na ceia, mas é estabelecida pelo sangue de Cristo, por sua morte.

Também essa observação liberta da fixação aos elementos sacramentais pão e vinho, destacando a interpretação da ceia como todo e não somente dos elementos. O "é" na ceia não identifica substâncias, mas interpreta a ação humana do tomar, agradecer, partir e distribuir, etc.

(15) U. Kühn. Das Abendmahl – Eucharistie der Gemeinde Jesu, in: **Kerygma und Dogma** 25, 1979, 28 9ss, partic. 296-298.

(16) A interpretação de I Jo 5.6-12 é difícil por causa do uso diferente dos termos "água" e "sangue" em v. 6 e v. 8. Com E. Schweizer (Das johanneische Zeugnis vom Herrenmahl; in: **Neotestamentica**, 375-379) opino que "água" no v. 6 significa o batismo de Jesus e no v. 8 o batismo dos cristãos; "sangue" no v. 6 representa a morte de Jesus Cristo, enquanto no v. 8 designa a ceia do Senhor.

(17) **Das Abendmahl als christologisches Problem**, Gütersloh 1963, p. 9 e 11.

Uma última observação metodológica. Na pesquisa recente ficou cada vez mais claro o pano de fundo veterotestamentário da santa ceia. Isso pode causar estranheza, pois foi a própria pesquisa que demonstrou que a última ceia de Jesus com os seus discípulos, antes de sua morte, não foi uma páscoa (passah)(18). A analogia com o "passah" não leva ao entendimento da ceia como tampouco as tentativas de entendê-la a partir de ceias cúlticas das religiões dos mistérios ou dos Essênios. Todas as analogias de fora da cristandade não levaram adiante.

Essa colocação não quer negar a forte influência das ceias dos cultos dos mistérios sobre o entendimento da ceia do Senhor, p. ex. em Corinto. Sabe-se dum culto da Isis em Corinto ao qual também pertenceu um banquete cúltico que assegura a participação no destino da deusa. (O que num tal culto acontece sabemos das Metamorfoses de Apuleio, escritor romano). Por essa influência, os Coríntios entenderam a ceia como comida e bebida que dão parte na força divina e assim imunizam contra o pecado e os males mundanos. Paulo, de certo modo, rebate este entendimento em I Co 10.1ss e I Co 11.17ss.

A origem da santa ceia, porém, está dentro da origem da própria fé. Não é algo acidental, algo que juntou-se à fé de fora para dentro. F. Hahn acerta um forte consenso crítico neste ponto, afirmando que "a ceia do Senhor na comunidade primitiva tem três diferentes raízes, mas uma origem em comum"(19). As três

- 
- (18) Lucas parece destacar que a última ceia era uma passah (22.15: "tenho desejado ansiosamente comer convosco esta pascoa". E isto parece combinar bem com o fato da preparação da última ceia de Jesus como páscoa (Mc 14.12-16 par.). Mas, olhando mais de perto, se observa que a última ceia de Jesus nada tem a ver com a páscoa judaica. Faltam todos os elementos decisivos da passah (três cálices, pães asmos, alface, cordeiro). Também aquele comer e beber que, segundo Paulo e Lucas, antecederam à própria ceia do Senhor (Lc 22-15 - 18 cf. com I Co 11. 17ss) não demonstra vestígios duma verdadeira páscoa. A semelhança entre ambas as ceias se reduz àqueles elementos que todas as ceias judaicas têm em comum. Que então significa a alusão à páscoa nos evangelhos? Eles (também Lucas) querem deixar claro a substituição da antiga páscoa pela nova ceia do Senhor. Ela está no lugar da páscoa como a nova aliança substituiu a antiga, sendo Cristo Jesus o verdadeiro cordeiro da páscoa (I Co 5.7 e I Pe 1.19). Segundo a cronologia da morte de Jesus no evangelho de João, a ceia última de Jesus não podia ter sido uma páscoa, pois Jesus morreu na hora quando no templo foram abatidos os cordeiros da páscoa (cf. João 18. 28 com 19.14).
- (19) "Das Herrenmahl der Urgemeinde hat drei verschiedene Wurzeln, aber einen gemeinsamen Ursprung" (Die alttestamentlichen Motive in der urchristlichen Abendmahlsüberlieferung, in: **Ev. Theol.** 27, 1967, p. 338).

raízes são: a) as ceias do Jesus histórico com publicanos, pecadores, marginalizados, mas também com fariseus (cf. Mt. 11.19s.? Lc 5.30; 15.2; 19.7 com Lc 14.15-24 e Lc 15.16,32); b) a sua última ceia (cf. Mc 14.23-25); e c) as ceias qualificadas por uma repentina aparição do ressuscitado (cf. Lc 24.30s. com 36-43 e também João 21). “Só na combinação e na associação destes componentes constitui-se a festa da ceia do Senhor na cristandade primitiva”(20).

Por outro lado, – e com isso volto à afirmação sobre o papel do AT na ceia –, na elaboração do significado da ceia e na sua interpretação a fé emprestou elementos de fora, se o Antigo Testamento pode ser entendido como “fora”. O Antigo Testamento não é origem da Ceia do Senhor, mas empresta a linguagem para expressar o que é a ceia. Neste sentido não convence a tentativa de H. Gese de entender a ceia como “Todã do ressuscitado” (ceia de agradecimento do ressuscitado), quer dizer, em analogia à ceia cültica do agradecimento a que se referem alguns dos salmos de agradecimento do Antigo Testamento (cf. Sl 116. 13s e Sl 22.22ss e Sl 69.31s(21)), nem a tentativa de achar a causa histórica numa ceia de memória a um morto, que dá consolo aos que choram e estão tristes. Esta ceia pode ser induzida a partir de textos como Jer 16.1-9 e Ez 24.17.22(22).

Para a linguagem da ceia, porém, é imprescindível que se trate dos motivos veterotestamentários que foram integrados nela (comer e beber como expressão de comunhão, tipologia de mana, expiação, aliança, etc.). Negando a influência da ceia de páscoa no surgimento da ceia do Senhor, se descobriu o Antigo Testamento como auxílio para compreender o sentido da ceia. Aqui vale a regra hermenêutica seguinte: “O antigo precisa do novo soteriologicamente, mas o novo não pode prescindir do antigo teologicamente.”(23)

(20) “Erst das Zusammentreffen und die Verbindung dieser Komponenten konstituiert die urchristliche Feier des Herrenmahls” (F. Hahn, Zum Stand..., p. 554s.)

(21) Veja H. Gese, Psalm 22 und das Neue Testament, in: **Vom Sinai zum Zion**, München 1974, p. 180-201 e “Die Herkunft des Herrenmahls”, in: **Zur biblischen Theologie. Alttestamentliche Vorträge**, p. 107-127.

(22) Veja Wichmann von Meding, I Co 11.26: Vormgeschichtlichen Grund des Abendmahls, in: **Ev. Theol.** 35, 1975, p. 554ss.

(23) “Das Alte ist also soteriologisch auf das Neue, das Neue aber theologisch auf das Alte angewiesen” (E. Jünger, Das Gesetz zwischen Adam und Christus, in: **Unterwegs zur Sache**, München 1972, p. 168.

À base destas quatro observações metodológicas podemos formular cinco linhas a serem mantidas para uma reinterpretação da santa ceia.

- 1) Da confissão dos pecados para a alegria da comunhão;
- 2) Da ênfase na atuação de Cristo para o destaque do atuar da comunidade;
- 3) Dos elementos sacramentais e sua interpretação (isto é...) para o todo da ceia;
- 4) Das analogias com ceias cúlticas fora do âmbito da fé cristã para o surgimento da ceia no seio desta mesma fé;
- 5) Do Antigo Testamento como causa ou analogia históricas da ceia para o Antigo Testamento como ajudante lingüístico da ceia.

Essas direções não querem dizer que temos que abandonar e eliminar aqueles elementos que na metodologia abordada ficaram em segundo plano (confissão e remissão dos pecados, os elementos, etc.). No seu lugar devido eles são retomados e revalorizados. A sua predominância era de pouca ajuda.

## 2. REINTERPRETAÇÃO DA CEIA DO SENHOR

Não são muitos os lugares onde o NT fala da santa ceia: I Co 11. 17-31 (particularmente 23-25); I Co 10. 16s (mas cf. também I. Co 10.1 -13 e 14 - 32, partic. v. 31: "Portanto, quer comais, quer bebais, ... fazei tudo para a glória de Deus"); Mc 14. 22-25; Mt 26. 26 - 29; Lc 22. 15 - 20 (cf. também Lc 22. 28 - 30); At 2. 42 - 46 e 20. 7; João 6. 51b - 58 (mas cf. todo o cap. 6). Além disso se tem que levar em conta alusões à ceia talvez em I Jo 5. 6 - 8 e Hb 13.9s.; II Co 3 assim como Hb 4.14 - 10, 18 também devem ser considerados pois falam da nova aliança. Este é um pensamento tão estreitamente ligado com a santa ceia como o da expiação (cf. Mc 10. 45, cujo paralelo em Lucas é parte da alocução sacramental em Lc 22.28ss; também Rm 5.8, etc.). Elementos da **liturgia** da ceia do Senhor na igreja primitiva encontram-se em I Co 16.20 e 22; Ap 22.20 e Didaquê 9 e 10. Fora do Novo Testamento entram em cogitação, além de Didaquê 9, 10 e 14, alguns versículos das cartas de Inácio de Antioquia (para Rom. 7.3; Filad. 4.1; Esm. 7.1 e Ef. 20.2) e Justino, Apologia I, 66, 3.

Minha reinterpretação se desenvolve em cinco passos: 1) Agradecer como tomar; 2) Presença “gerundiva” de Cristo; 3) Partir e retribuir; 4) Parar e 5) Repousar.

Cai em vista que nosso termo “santa ceia” não é usado para designar essa ceia. Fala-se em “ceia do Senhor” (I Cor 11. 20) ou em “participar da mesa do Senhor” (I Co 10. 21) ou em “partir o pão” (At 20.7; 2. 46), talvez em “testemunho” (I Jo 5. 7s.). Em Didacô 9, 1 achamos pela primeira vez o termo “eucaristia” (= gratidão, agradecimento). Ele designa o todo da ceia a partir de seu primeiro ato importante (cf. Did. 9.2 com I Co 11.24 e I. Co 10.16; abençoar equivale a agradecer). Pars pro toto.

### a) Agradecer como tomar

O termo “eucaristia” quero usar como ponto de partida para a interpretação. A gratidão, com a qual começa a santa ceia, é mais do que a abertura tradicional dum idéia judaica. É o denominador, o integral do todo. Ora, quem agradece já recebeu alguma coisa. Ele não está nem consigo mesmo nem com os outros no ponto zero. Uma dádiva é seu ponto de referência que qualifica sua existência positivamente. Na maioria das interpretações da ceia do Senhor não fica claro que os que festejam já provêm dum encontro com o Senhor Jesus. Eles já têm uma história com ele. Exatamente isso eu queria expressar pela imagem usada no começo deste artigo. Repito: Por Cristo mesmo toda a humanidade está por dentro do âmbito da graça. Na fé despertamos e levantamos neste âmbito. No batismo somos publicamente colocados ao lado do irmão para a caminhada em conjunto. A partir desta imagem, a santa ceia deve ser entendida como **mesa** desta família. Sendo essa mesa a do Senhor Jesus torna-se impossível que a pergunta pela dignidade ou até mesmo a sensação da indignidade poderia prevalecer. Aqui o servir-se, o agradecer, dá o tom.

Quem agradece tem motivo para alegria. At 2. 46 acerta melhor a sensação preponderante da ceia do Senhor do que I Co 11. 27. E onde alegria prevalece, ali o sim para a vida torna-se sentimento central. Pois alegrando-se a “vida como movimento no tempo ... não afadiga mais ..., mas antes de mais nada oferece-se e demonstra-se como presente, como dádiva daquilo que (o homem mesmo) imaginou como vida”(24). A “vida sorri a ele”. Na

---

(24) K. Barth. **Kirchliche Dogmatik** v. III/4, p. 428 (tradução minha).

santa ceia essa alegria, que “é a forma mais simples de gratidão”(25), ganha sua expressão natural.

A partir desta alegria preponderante percebe-se melhor aquilo que poder-se-ia chamar a **mundaneidade da ceia**. O agradecimento é agradecer pelas dádivas do criador: pão e vinho. E beber e comer são coisas bem mundanas. É um ver e provar (Sl 34.8). Assim o beber e o comer na santa ceia também têm que ser apreciados como tal. É o Antigo Testamento que ajuda a compreender isso(26).

Lá no AT beber e comer são expressão do bem-estar, do agrado e do prazer. Alguns exemplos: O servo de Abraão come e bebe com os que estão juntos com ele depois do sucesso do seu pedido de casamento (Gn 24. 54). Os israelitas bebem e comem no momento do casamento ou do nascimento, no momento de fazer amizade ou uma aliança (cf. Ex 24.9-11, um texto que certamente influenciou o entendimento da ceia na primeira cristandade) ou quando experimentaram a salvação numa situação de doença ou qualquer outra necessidade (cf. Sl 116. 16-18 com Sl 22.19ss.), sendo o último o lugar vivencial da “Todâ”.

O Antigo Testamento conhece também o beber e comer como expressão de mera sensualidade (Esau: Gn 25.34) ou de resignação e desespero (Is 22.12s: “comamos e bebamos, que amanhã morreremos”). Comer e beber pode ser a preocupação daqueles que esquecem do outro e de seus direitos e necessidades, pois o seu deus é o estômago (veja Prov 31. 4 - 7 e Fp 3. 19, por um lado, e o bom exemplo do rei Josias, que comeu e bebeu e exercitou o juízo e a justiça, por outro lado — Jr 22.25ss). Na maioria dos casos, porém, o comer e beber é algo positivo, pressupondo bem-estar e prazer, também no cético livro de Eclesiastes.

As ceias do Jesus histórico com os publicanos e pecadores que resultaram na suspeita de ele ser um “beberrão e comilão” cf. Mt 11.19 refletem a mesma pressuposição. Por isso foram festejadas numa atmosfera festiva (veja Mc 2.19ss). Jesus festejava o irrompimento da basiléia tou theou(27).

(25) K. Barth, *ibid.* p. 429.

(26) Veja R. Smend. Essen und Trinken — Ein Stück Weltlichkeit des Alten Testaments, in: **Beiträge zur alttestamentlichen Theologie**. Festschrift für W. Zimmerli zum 70. Geb., Göttingen 1977, p. 446-459.

(27) Veja E. Fuchs. **Das urchristliche Sakramentsverständnis**, Stuttgart 1958, p. 24: Nun scheint mir aber nicht zweifelhaft zu sein, dass Jesu Mahl Vorfeier der Gottesherrschaft

Tudo isso precisa ser levado em conta também na ceia do Senhor. A primeira ação de Jesus na ceia não é duvidar, nem um ato de escrupulosidade, um perscrutar-se. A tentação tem seu próprio tempo e sua própria hora (veja Mc 14. 32ss). Mas agora não é tempo de duvidar. Agora prevalece a certeza, aquela certeza pela qual Deus faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos (Mt 5. 45). A velha pergunta, se Judas participou ou não na última ceia teologicamente pode ser decidida com um sim. Isso provavelmente levou Lutero a dizer que a ceia é uma ceia para homens com o sinal de Caim.

Se a primeira ação da comunidade na ceia também é um tomar e agradecer (cf. I Co 11. 23 e todos os paralelos, também Justino, Apol. I 66. 3) então isso distingue a ceia de antemão de qualquer ceia em memória de mortos. No agradecer transparece que a memória do morto (I Co 11. 24s) já é transformada pelo encontro com o ressuscitado. Isso reflete-se nas ceias do ressuscitado com os seus. Assim o participante não é instado a olhar para si mesmo, mas ele é convidado a tomar dum outro e agradecer por isso. Pode-se dizer: Quem experimentou "Até aqui me trouxe Deus, guiou-me com bondade" e quer expressar "Ajuda no porvir, Senhor" (Hinário da IECLB nº 203), esse deseja dignamente a santa ceia.

Temos entendido a ceia como participar da "mesa do senhor" (I Co 10.21). Pode-se explicar isso melhor por uma analogia da vida cotidiana. Como alguém demonstra da melhor maneira o seu agradecimento à dona da casa quando está servido? Acho que se agradece por tomar, por fazer uso do que foi servido. Assim, a **santa ceia é agradecer como tomar**. Neste sentido deve-se entender a santa ceia como "eucaristia" (Did. 9.1), pois eucaristia significa ação de graça, agradecimento.

## b) Presença "gerundiva" de Cristo

Neste ponto das considerações ouço surgir uma série de perguntas. Vem de diferentes direções. Não é essa uma interpretação demasiadamente secularizada e horizontal? Isso não vale

---

gewesen ist" (não existe para mim dúvida de que a ceia de Jesus era o princípio do reino). As parábolas de Jesus eram, segundo Fuchs, os discursos para a mesa (Tischgespräche).

para qualquer outra ceia? Especialmente para aquela ceia que se chama “agape” (Judas 12), uma confraternização dos cristãos sem sentido sacramental? Onde fica o Cristo e a sua presença real? Onde a sua entrega em favor do mundo? Onde a sua expiação vicária e seu sacrifício na cruz? E, afinal, onde fica o consolo da remissão dos pecados? E como se interpreta o resto da ceia na linha indicada? Outras perguntas poderiam achar este ponto de partida mais uma vez individualizante e bastante edificante.

Respondo assim: Na maneira apresentada, a “ceia do Senhor” de fato não é entendida como instrumento da graça (sacramento), nem como meio de salvação ou mediação da presença de Cristo. Tudo isto é pressuposto anterior. Já aconteceu na vida e na morte de Cristo mesmo, sendo sua expiação vicária a causa e mediação única (sacramento) do “pro nobis”. O acontecimento da cruz é, no poder da ressurreição, um **evento inclusivo** que media-se a si mesmo como e quando Deus quiser (cf. Conf. Aug. art. V, no fim: “onde e quando lhe apraz”). O mundo está sob a influência deste acontecimento fora e antes de qualquer agir da cristandade. O mundo já vive deste evento com e sem saber isto. A cristandade, porém, distingue-se do mundo provindo deste evento conscientemente e ativamente. Batismo e santa ceia, por isso, expressam a **reação** daqueles que foram intimamente tocados, despertados e levantados por este acontecimento.

Tal **caráter reativo** espelha-se no fato de que a cristandade primitiva festejava a ceia do Senhor sempre junto com a pregação da palavra. Nunca existia a separação entre o culto da pregação (testemunho) e o da santa ceia nos tempos do NT(28). O Documento de Accra de 1974 destaca com razão: “Visto que a anamnese (recordação) de Cristo é a verdadeira essência da pregação da palavra e da eucaristia, um fortifica o outro. A eucaristia não deveria ser festejada sem pregação da palavra, porque a pregação da palavra aponta para a eucaristia e é cumprida nela”(29).

Isso, em primeiro lugar, significa que aqueles que tomam e assim agradecem não tomam qualquer pão e qualquer vinho. Eles tomam o que foi oferecido na pessoa de Cristo e para o que **aponta** a pregação: Cristo como pão e vinho, como viático na caminha-

---

(28) Veja o artigo de W. Schenk mencionado acima na anotação nº 8.

(29) Nº 13 do Documento de Accra, in: **Accra 1974**, p. 103.

da. Porém, **tomando** eles se mostram agradecidos. Isso é o novo, o "**proprium**" da ceia do Senhor(30).

Ora, com respeito aos elementos não é assim que o pão e o vinho em si têm o poder de simbolizar e concretizar Cristo. Mas é exatamente o contrário. O Cristo crucificado simboliza o ser íntimo de pão e vinho e com isto o ser íntimo do mundo. O Cristo que na cruz entregou-se em favor do mundo nos diz o que é pão e o que é vinho. Sendo ele a renovação total das criaturas (cf. II Co 5.17), ele também dá um novo sentido ao pão e ao vinho: Gastar-se, ser consumido é o seu sentido. O tornar claro isto representa a contribuição importante do evangelho segundo João para o entendimento da ceia do Senhor. "Eu sou o pão da vida" diz o Jesus joanino (Jo 6.48(31)).

Quanto à presença real de Cristo na santa ceia, isso significa que ela não depende da transsubstanciação ou da consagração dos elementos, nem pode ser limitada temporal e espacialmente a eles. No **todo da ceia** acontece o testemunho dele. E assim ele está presente. No tomar e agradecer da comunidade, ele está presente. O peso, porém, não reside nesta presença real mas naquilo que os cristãos, incentivados por ele, conseguem manifestar. Eucaristia é **manifestação** do novo ser dos cristãos, pois tomando e agradecendo eles dão forma concreta à nova criatura e à nova aliança. Referindo-me a esses **gerúndios** (tomando, agradecendo, etc.) falo numa presença "gerundiva" de Cristo: no testemunho o testemunhado está presente.

Este processo **inclui** a despedida do pecado. Pois dominados pelo pecado eles não poderiam tomar e agradecer. Mas fazendo isso eles já deixaram para trás o pecado, nem pecam mais. Santa ceia é menos mediação da renovação do que manifestação da comunhão dos já renovados. Isso encerra o consolo da ceia.

### c) Partir e retribuir

Para excluir qualquer suspeita numa interpretação somente edificante e individualizante eu continuo: Como renovados, que

---

(30) Veja para isso o artigo de E. Busch. Das Abendmahl als Eucharistie. Gedanken zur Einführung einer regelmässigen Abendmahlsfeier, in: **Wort und Gemeinde**. Ed. Thurneysen zum 80. Geb., p. 482 ss.

(31) Veja E. Schweizer. Das johanneische Zeugnis vom Herrenmahl, in: **Neotestamentica**, Zürich/Stuttgart 1963, p. 384 ss.

dão forma concreta a sua renovação, a comunidade cristã não pode alegrar-se da presença de Cristo sem dar adiante, sem repartir o que tem. Na base desta característica decisiva da ceia ela mesma também pode ser chamada de “repartir o pão” (At 20.7 e 2.46). O cristão passa adiante o que recebeu. Aqui vale a pena refletir o significado do corpo (“soma”) na ceia. É o corpo que Cristo é (I Co 12.22), mas, ao mesmo tempo, é o corpo que, como Cristo, também a comunhão dos cristãos é (cf. I. Co 10.16s com 12.17). A ceia é o testemunho de Cristo. Dando o pão adiante, o cristão oferece também a si mesmo como membro deste corpo a seu próximo, renovando a sua oferta feita no batismo: “aqui estou eu a tua disposição, faça uso de mim”.

Marcos acrescenta na sua forma das palavras da instituição: “E todos bebiam dele” (Mc 14.24). **Todos tomaram.** Isto significa: todos aceitaram o oferecimento do mundo interpretado na cruz e assim aceitaram o seu próximo. Na santa ceia torna-se verdade o que eu sou para ti e o que eu consigo deixar-te ser para mim. E nisso eles aceitam Cristo mesmo. Assim os discípulos são, no ato da eucaristia, o que o mundo é destinado a ser: nova aliança, representação da humanidade reconciliada com e por Deus (II Co 5.18). Com razão W. Marxsen destacou que a palavra do vinho em Paulo exige tal interpretação: Este cálice – fazendo o círculo no vosso meio – é a nova aliança no meu sangue (I Co 11.25). Fazendo isso a comunidade é fermento daquele processo pelo qual também o mundo toma conhecimento da sua destinação.

#### d) Parar

A partir da alegria preponderante na ceia do Senhor nós também conseguimos entender melhor seu **sentido escatológico**. Diversos textos neotestamentários o deixam transparecer (cf. Mc 14.25 e I Co 11.26, etc; também I Co 10.16s deve ser comparado com 12.12ss). Chamou-se este sentido escatológico de “experiência proléptica” (= antecipadora) do reino de Deus. Pois o reino em vários lugares do NT é concebido como “banquete” (veja Lc 22.29s Mt 8.11s. par; Ap 19.9, etc.; para o AT Is 25.6-12)(32). Na ceia de despedida Jesus alude a este banquete (Mc 14.25 par.).

---

(32) Veja John S. Mbiti, **New Testament Eschatology in African Background. A Study of the Encounter between New Testament Theology and African Traditional Concepts**,

Ora, na escatologia não se deve compreender eternidade como contraposição abstrata ao tempo, alegando p.ex. Ap 10.6 (não há mais tempo). Mas o "escaton" tem que ser compreendido como perfeição do tempo, como tempo realmente cumprido, em contrapartida ao tempo perdido e desperdiçado, ao tempo que foge, ao tempo que nós experimentamos como pressão do passado irreparável e do futuro ameaçador. Eles reduzem o presente a um momento de passagem do passado irreparável para o futuro inconcebível. Este tempo desperdiçado resp. vazio (pelo pecado) não existirá mais (Ap 10.6)(33).

Ora, se é certo que na alegria da ceia do Senhor "o tempo ... pára, pois cumpriu seu sentido como espaço do movimento da vida", (34) então experimenta-se na alegria algo da perfeição e consumação do tempo. Nesta festa da memória do passado de Cristo e da antecipação de sua parusia (I Co 11.26), realiza-se o presente como lugar, onde se pode viver sem pressão do passado e sem medo diante do futuro. Aqui vale: "Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos moradia" (veja Mc 9.5). Neste sentido, a ceia também deixa atrás a morte (cf. Jo 6.51 e Inácio de Antioquia Ef. 20.1). O presente perde seu caráter de ser somente momento de passagem do passado para o futuro e torna-se espaço de vida. Pois o homem na ceia do Senhor, olha para trás agradecido e está cheio de expectativa para frente. Quem vem é, de qualquer modo, o Senhor pondo a morte em cheque. Neste olhar para a frente o dito escatológico de Mc 14.25 e o Maranata (Vem, ó Senhor) de I Co 16.32 (veja Ap 22.20 e Did. 10.6) tem seu lugar existencial. Só o Senhor mesmo pode realizar para todo mundo o que os cristãos agora, em antecipação dele, já manifestam: a simples e durável **gratidão** para aquilo que Cristo fez em favor do mundo (pão da vida) e para a criação (pão e vinho) e, por outro lado, o **passar adiante** do essencial do mundo: Cristo como pão da vida, resp. pão e vinho para todos.

---

London 1971, p. 102. Com razão Mbiti destaca: "Any disappointment over the delay of the Parousia is neutralized by the Eucharist; for in the experience of the Eucharist the Church penetrates proleptically (cf. I Co 11.26), into the very hour of the Parousia. Not surprisingly then, we find little if any evidence to show that the Early Church was shaken or disappointed by the delay of the Parousia. At the Eucharist the Church is too preoccupied in the Parousia to have any room for disappointment".

(33) Veja para essas reflexões sobre o tempo K. Barth. **Kirchliche Dogmatik**. v. 1/2, p. 50 ss., part. 55.

(34) K. Barth. **Kirchliche Dogmatik** v. III/4, p. 429.

Os ditos escatológicos na santa ceia **ligam** a ceia do Senhor com a ceia escatológica e, ao mesmo tempo, as **distinguem**. Por que distinguem? Resposta: A duração da alegria existe só naquilo que a Bíblia chama de alegria e prazer eternos (cf. Mt 25. 10, 21, 23, etc.; também Sl 126). Conscientizando-se desta diferença, a comunidade da ceia ganha consciência de estar no mundo, entre os tempos, de ser comunidade “viatorum” e ainda não na perfeição. A consumação do tempo na ceia, portanto, é provisória.

Assim a igreja documenta na ceia a fidelidade dos cristãos ao mundo. A ceia do Senhor não extrapola o tempo nem o mundo. Ela é mais do que um belo espetáculo. Isto rebate qualquer interpretação entusiasta da ceia. Uma tal interpretação (veja por ex. Did. 10,6: “venha tua graça e passe o mundo”) porém, é compreensível, pois quanto mais forte a alegria tanto mais escusados parece que o tempo e a vida continuam depois.

### e) Repousar

No sentido desenvolvido, a ceia do Senhor é o ponto culminante da ética cristã assim como o domingo, o dia da festa é o ponto culminante dos dias de trabalho. Pois, ao desembocar no simples gesto do tomar e assim agradecer, todas as atividades e perguntas da comunidade cristã chegam, na mesa do Senhor, a um **repouso**. O que Agostinho e o evangelho de João dizem sobre a escatologia, de certo modo, vale para a ceia e a sua dimensão ética. O simples gesto de tomar, de servir-se é um *requiescere in Deo* (cf. Agostinho, *Confessiones* cap 1, mas também Jo 13.25: reclinar-se sobre o peito de Jesus), é um cessar de todas as perguntas (Jo 16.23). Aqui o sim de Deus (II Co 1. 19) acha sua resposta humana mais clara: o sim do homem.

Ora, exatamente este repouso pressupõe uma caminhada cheia de lutas, dúvidas, perguntas, cheia de atividades. O modelo desta luta — e isto é o outro elemento ético da ceia — é aquilo que acontece na própria ceia. Pois ela demonstra para onde o mundo foi levado por Cristo. Nele a ceia é possível como comunidade de iguais apesar de muitas desigualdades (Gl 3.28) e como unidade nas diferenças (I Co 10.16s). Nele é possível uma comunidade de irmãos e irmãs. Este acontecimento não pode nem deve ficar sem repercussão política e social. Que hipócritas seriam os cristãos festejando a ceia e deixando o mundo sem ao menos ten-

tar nele analogias desta comunhão? Ela é um alerta, um estímulo e uma meta para a vida política e social: igualdade, fraternidade e unidade<sup>(35)</sup> e, não por último, o bem estar da comunidade secular (pão e vinho).

O problema do relacionamento entre a “eucaristia” e aquelas histórias nos evangelhos sobre a multiplicação maravilhosa dos pães (veja Mc 6.30-44; Mt 14.13-21; Lc 9.10-17 e Jo 6.1-15) é multiforme. Não posso tratar disso em pormenores. Só quero destacar uma feição importante: O que liga essas histórias com a ceia do Senhor é a **forma secular** dum banquete judaico com suas partes: tomar, abençoar (agradecer) partir e repartir o pão. O que na esfera da fé acontece na eucaristia espelha-se na esfera secular na alimentação de multidões que estão com fome. Quem festeja a ceia não pode esquecer que o Senhor Jesus instituiu a mesa eucarística e, ao mesmo tempo, deu pão para os que necessitaram dele.

Se bem que possam haver diferenças também entre os cristãos sobre os meios políticos que levam para uma sociedade à escurta da mesa do Senhor Jesus e, de certo modo, análoga a ele, não pode haver dúvidas sobre a influência da ceia do Senhor sobre a ética política.

Assim, a ceia do Senhor Jesus é para os cristãos o que para K. Marx, na sua estadia em Paris (1843-45), era a “aliança dos justos” (antigamente “aliança dos proscritos”), liderada pelo costureiro W. Weitling. Jean-Ives Calvez escreve na sua biografia de Marx: Ele “ficou muito impressionado pela irmandade reinante entre os trabalhadores. Neles ele descobre o protótipo daquilo que a sociedade espera um dia alcançar pela luta agora e aqui travada pelos trabalhadores”.

Neste conexão as **admoestações** e exortações relacionadas com a ceia têm sua significância imprescindível: I Co 11.17ss ou Didaquê 14.2 (cf. Mt 5.23s): “todo aquele que vive em discórdia com o outro não se junte a vós antes de se ter reconciliado, a fim de que vosso sacrifício não seja profanado.” Mas em vez de formular tais e outras exortações como condição da participação da ceia,

---

(35) O motivo da unidade torna-se claro além de I Co 10.16, na oração eucarística da Didaquê (9,4): “Da mesma maneira como este pão quebrado primeiro fora semeado sobre as colinas e depois recolhido para tornar-se um, assim das extremidades da terra seja unida a ti tua igreja (assembléia) em teu reino”.

dever-se-ia convidar os indignos e os pecadores, como Jesus fez (Lc 19.10 e Mc 2.17), e deixar eles mesmos tirar as conseqüências da participação como Zaqueu o fez (Lc 19.8).

Concluo esta parte com um resumo do capítulo.

Historicamente vale com respeito à santa ceia:

- 1) A ceia do Senhor não pode ser derivada de ceias análogas no AT ou nas religiões dos mistérios ou no judaísmo contemporâneo, mas surge no meio da fé cristã mesma.
- 2) A santa ceia tem três raízes: as ceias do Jesus histórico (Mt 11.19s; Lc 15.1s etc.); a última ceia de Jesus (Mc 14.25); a experiência da ressurreição do crucificado em ceias (Lucas 24).
- 3) A santa ceia aparentemente nunca foi festejada isoladamente na igreja primitiva, mas sempre junto com a pregação da palavra.
- 4) Existe um desenvolvimento infeliz na igreja primitiva que torna a santa ceia numa cerimônia exclusiva só para batizados (Did 9.5).
- 5) Já na comunidade em Corinto e também nas cartas de Inácio de Antioquia a ceia do Senhor está ameaçada de se tornar num culto misterioso com comida e bebida santas que deificam o seu participante e o imunizam contra o mal.

Teologicamente vale:

- 1) Santa ceia é fundamentalmente o ato de agradecimento da comunidade cristã (eucaristia). A comunidade cristã agradece por tomar o que Cristo é: pão da vida (Jo 6.48).
- 2) Tomando o que é oferecido na cruz e na pregação, a comunidade manifesta-se como a humanidade reconciliada.
- 3) O cristão agradecido não pode tomar sem partir e repartir. Na eucaristia a igreja revela-se como igreja para os outros, como igreja para o mundo.
- 4) Santa ceia é testemunho. No testemunho está presente o testemunhado.
- 5) Na santa ceia culmina a ética cristã, sendo ela o repouso do trabalho cristão e o modelo daquilo em prol do qual o

cristão trabalha e luta junto com todos os de boa vontade.

- 6) A santa ceia é a “experiência proléptica” do reino de Deus, pois no ato da gratidão o tempo não foge mais, antes é cumprido assim como no escaton.

### III.

Quais são as conseqüências que essas reflexões teológicas têm na práxis? A ceia tem o seu lugar vivencial no culto da comunidade. Com certo direito lamenta-se, desde muito tempo, que os nossos cultos são a obra e a realização de uma só pessoa: do pastor ou da pastora. O que nos falta é a atividade do todo ou, ao menos, de um número maior de membros da comunidade. O que nos falta são batismo e santa ceia em cada culto dominical. Criticando isso, K. Barth na sua “homilética” propôs: “Na prática (da inclusão de batismo e santa ceia no culto dominical) deveria ser realizado assim: no começo se batizaria – na presença da comunidade – e no fim se festejaria a santa ceia. No meio entre os dois, a prática acharia o seu lugar adequado”(36). Assim qualquer culto dominical seria a atividade de toda a comunidade. No batismo festeja-se o crescimento da comunidade como ingresso do evangelho numa biografia individual e a publicação disso. Na ceia festeja-se Cristo como viático comum na peregrinação. Tomando do pão da vida ela persiste. Este tomar é seu agradecer. Ela persiste no agradecer.

Sei que uma reforma de nossos cultos no sentido indicado será difícil. O costume é a nossa segunda natureza. Será que não é possível fazer pequenos passos em direção a um culto dominical com os três pontos altos: batismo, prédica, ceia? Faz parte disso conscientizar que o altar na igreja protestante significa mesa da ceia do Senhor. Importa exercitar novas formas de comunhão ao redor desta mesa, evitando assim a individualização na celebração da ceia. O culto neste sentido tem que ser preparado não só pelo pastor, mas por grupos da comunidade, por ex. os familiares dum batizando ou um grupo (de jovens?) que é responsável pela própria ceia. Os elementos artificiais (hóstias) poderão ser substituídos por um pão de mesa que alguém da comunidade fez. A

---

(36) Homiletik. Wesen und Vorbereitung der Predigt, Zürich 1966, p. 45.

meu ver, não é bom substituir o cálice comum por cálices individuais. A perda do símbolo não se recupera na garantia da higiene. Mas poder-se-ia pensar na substituição do vinho por suco de uva, levando em conta o problema do alcoolismo. Ao menos um cálice alternativo deveria estar na mesa.

Preparando assim a comunidade, uma reforma do culto não é impossível. A prédica e a catequese são os meios indicados para isso. Uma reforma não pode ser imposta, mas deve nascer da base. Vale a regra de Lutero nas prédicas de *Invocavit* 1522: "Não se deve fazer renovação, a não ser que o evangelho tenha sido pregado e reconhecido totalmente". (37)

---

(37) M. Lutero. **WA** 10 III, 45,3s.: "Man soll keine Neuerung aufrichten, das Evangelium sei denn durch und durch gepredigt und erkannt".